



filologia portuguesa

Cancioneiro da Ajuda

Reimpressão da Edição Diplomática
de Henry H. Carter

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

A EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DO *CANCIONEIRO DA AJUDA*

1. A Imprensa Nacional-Casa da Moeda punha, pela primeira vez, à disposição do público português, em 1990, a reimpressão da que, ainda hoje, é conhecida como a monumental edição do *Cancioneiro da Ajuda (A)* de C. Michaëlis de Vasconcellos¹. Tratava-se de uma muito eloquente iniciativa que não deve ter deixado, por certo, de interpelar o leitor mais vigilante, ao pensar no tempo que tinha decorrido entre a primeira edição de 1904 do precioso códice em Halle e as suas consecutivas reproduções, sempre no estrangeiro, em 1966, em Turim, e ainda, em Hildesheim-New York, em 1980². A inserção de tal instrumento de consulta e de estudo no mercado português, dedicado a um manuscrito tão essencial no entendimento da produção medieval ibérica, conservado, além disso, em biblioteca portuguesa, não só colmatava uma carência marcante, como proporcionava um acesso muito mais facilitado a uma obra imprescindível, que transcende e continua, ainda

¹ *Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vols. I e II, Lisboa, 1990.

² *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Doutora em Philosophia (Hon. caus.), vol. I, Texto, com resumos em alemão, notas e esquemas metricos, e vol. II, Investigações Bibliographicas, Biographicas e Historico-Litterarias, acompanhada do fac-símile do primeiro fólio com miniatura [fl. 4], Halle A. S., Max Niemeyer, Buchdruckerei des Weisenhauses, 1904. Reimpressões anastáticas: Torino, Botega d'Erasmus, 1966, 2 vols. Ed. fac-sím. da ed. de Halle, Max Niemeyer, 1904; Hildesheim-New York, Georg Olms Verlag, com base no exemplar da Universitätsbibliothek de Tübingen, reedição de 1979, sem a inclusão do fac-símile do fl. 4.

hoje, a exceder, em larga medida, o âmbito do próprio *Cancioneiro da Ajuda*, como muito bem evidenciou I. Castro no preâmbulo que acompanha esta edição portuguesa do *Cancioneiro da Ajuda* ³.

Quatro anos mais tarde, em 1994, era publicada, também em Lisboa, por Edições Távola Redonda-IPPAR, sob a dinâmica da reimpressão da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a edição fac-similada de todo o códice que contém o *Cancioneiro da Ajuda*, antecedido, como se sabe, de um fragmento do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro ⁴. No supracitado prefácio à edição portuguesa, I. Castro não deixava, de facto, de finalizar a sua reflexão, ao apontar a falta da «edição fac-similada que o mais belo dos nossos cancioneiros ainda não tem» (p. s). Esta interferência editorial será, aliás, reconhecida na própria *Nota do Editor* do fac-símile do *Cancioneiro*: «O nosso projecto editorial remonta a 1990, quando a Imprensa Nacional-Casa da Moeda pôs nos escaparates a edição em fac-símile [...] do *Cancioneiro da Ajuda* por Carolina Michaëlis de Vasconcelos» (p. 11). Poderíamos, assim, dizer que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda contribuía, ainda que indirectamente, para a publicação da edição fac-similada do *Cancioneiro da Ajuda*, único cancioneiro que ainda não fruía, no início dos anos noventa, deste tipo de reprodução. De forma mais perceptível, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda tinha já participado na publicação da edição fac-similada do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)* e, de modo análogo, tinha estado, também, associada à edição e estudo do *Pergaminho Vindel* por M. Pedro Ferreira ⁵.

³ O importante prefácio intitula-se «Carolina Michaëlis e a arte de erguer monumentos» (pp. i-s) e I. Castro pronuncia-se sobre a edição e, em particular, sobre o trabalho filológico de C. Michaëlis.

⁴ *Cancioneiro da Ajuda. Fragmento do Nobiliário do Conde Dom Pedro*. Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Apresentação de M. C. de Matos, N. S. Pereira e F. G. da Cunha Leão. Estudos de José V. de Pina Martins, M. Ana Ramos e Francisco G. da Cunha Leão, Lisboa, Edições Távola Redonda-Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Biblioteca da Ajuda. Edição realizada com o apoio da Sociedade Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura, 1994.

⁵ A edição fac-similada do *Cancioneiro da Vaticana* tinha sido publicada em 1973 (*Cancioneiro português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803)*). Reprodução fac-similada com Introdução de Luís F. Lindley Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos-Instituto de Alta Cultura, MCMLXXIII) e o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*, com o mesmo modelo de edição, surgirá em 1982 (*Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada com prefácio de João Palma-Ferreira e apresentação de Luís F. Lindley Cintra, Lisboa, Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional-

Dir-se-ia que o *Cancioneiro da Ajuda* se deparava, então, com condições mais favoráveis de fruição, ao sopesarmos a confortável possibilidade de consulta a estas duas capitais edições, a crítica e a fac-similada. Seria, deste modo, quase espontâneo conceder que qualquer ulterior apreciação textual, análise interpretativa ou crítica, dependentes do *Cancioneiro da Ajuda*, se subordinaria apenas a estes dois acessórios de base, como passagem, prévia ou subsidiária, a todos os estudos correlativos ao manuscrito ajudense⁶.

No entanto, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda volta a propor, hoje, outra reimpressão de uma outra edição do *Cancioneiro da Ajuda*. Trata-se de uma edição publicada também no estrangeiro, nos Estados Unidos, em 1941,

-Casa da Moeda, 1982). Mesmo os fragmentos, que nos transmitem peças da lírica galego-portuguesa, encontravam-se já impressos em fac-símiles. O *Pergaminho Vindel* tinha sido dado a conhecer em imagens a preto e branco em 1915, através da publicação limitada do livreiro P. Vindel (*Martín Codax. Las siete canciones de amor, poema musical del siglo XII*. Publicase en facsímil, ahora por primera vez, con algunas notas recopiladas por Pedro Vindel, Madrid, 1915); uma segunda reprodução, igualmente a preto e branco, integrada no estudo do musicólogo I. Fernández de la Cuesta é publicada em 1982 («Les cantigas de amigo de Martín Codax», *Cahiers de Civilisation Médiévale*, XXV, 3-4, 1982, pp. 179-185). Será em 1986 que teremos acesso ao *Pergaminho Vindel* a cores (Manuel Pedro Ferreira, *O som de Martim Codax: sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV): on the musical dimension of the galician-portuguese lyric (XII-XIV centuries)*. *The sound of Martim Codax*. Prefácio de Celso Ferreira da Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda-Unisys, 1986). O fragmento, descoberto mais recentemente, com cantigas de D. Dinis, era também divulgado em 1991 (Harvey L. Sharrer, «Fragmentos de Sete Cantigas d'Amor de D. Dinis, Musicadas — uma descoberta», *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. 1, Lisboa, Ed. Cosmos, colecção «Medievalia», 1991, pp. 13-29).

⁶ Não me refiro, aqui, às outras edições do *Cancioneiro da Ajuda* que, por outros motivos, oferecem, hoje, um interesse histórico, como a primeira divulgação de Charles Stuart de Rothesay (*Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nores de Lisboa*, Paris, Tipografia da Embaixada Britânica, 1823). As três publicações, que lhe sucedem, de F. Adolfo de Varnhagen inserem-se também neste âmbito documental, ainda que, em alguns domínios, facultem elementos importantes quanto à história do manuscrito (*Trovas e Cantares de um Códice do XIV Século: Ou antes, mui provavelmente, O «Livro de Cantigas» do Conde de Barcellos*, Madrid, 1849; *Post-Scriptum a Trovas e Cantares de um Códice do XIV Século: Ou ante, mui provavelmente, «O Livro das Cantigas» do Conde de Barcellos*, Madrid, 1850; *Novas Páginas de Notas às «Trovas e Cantares», isto é a edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, atribuído ao Conde Barcelos*, Viena, 1868). A edição divulgativa de Marques Braga (*Cancioneiro da Ajuda*. Prefácio de Marques Braga, 1 vol., Lisboa, Sá da Costa, 1945) que reproduz o texto, através de uma «simplificação» da edição de Carolina Michaëlis, não ocupa um espaço expressivo no aperfeiçoamento textual como, justamente, caracteriza I. Castro na sua introdução (p. l).

pelo paleógrafo Henry Hare Carter, que, independentemente da edição crítica de C. Michaëlis, retorna ao manuscrito, dando-nos uma edição «diplomática», de acordo com a sua própria designação «a diplomatic edition»: *Cancioneiro da Ajuda. A Diplomatic Edition* by Henry H. Carter, New York, Modern Language Association of America; London, Oxford University Press, 1941, da qual existe uma reimpressão, também em New York, por Kraus Reprint Co., Millwood, New York, 1975.

Tornar a imprimir este trabalho, referente a um mesmo manuscrito, poderia arvorar alguma perplexidade. Valerá a pena, hoje, republicar a edição Carter? Talvez seja esta a interrogação que, de imediato, mais facilmente se possa colocar, invocando o supérfluo e relembrando a existência das outras duas edições. Mas, a esta pergunta, seria razoável replicar, caucionando que um manuscrito com tal importância deveria beneficiar de um copioso e do mais ajustado possível *campo bibliográfico*⁷. O *campo bibliográfico* do *Cancioneiro da Ajuda* tinha sido inaugurado pela edição Stuart que o dava a conhecer em 1823. Seguiam-se as publicações de F. A. Varnhagen, que, para além de correcção de certos erros da edição precedente, dão conta da subsistência de alguns fólhos e de um caderno, localizados em Évora por Cunha Rivara e, posteriormente, reintegrados no códice⁸. Ainda que não seja instintivo designá-las, efectivamente, de edições no sentido mais estrito, é compreensível con-

⁷ O conceito de *campo bibliográfico* foi sugerido, em 1981, em um Colóquio parisiense, dedicado à Crítica Textual Portuguesa. «*Campo bibliográfico* é a designação que propomos para um conjunto estruturado de unidades bibliográficas (livros impressos), organizadas em torno de um determinado texto: o campo de um texto é o grupo formado pelas edições existentes desse texto. Distingue-se de tradição manuscrita por excluir os testemunhos manuscritos que desse texto existam; o campo é uma estrutura funcional, cujos elementos são valorizados de acordo com a sua capacidade para a difusão pública do texto; [...] O campo bibliográfico distingue-se também da tradição impressa, apesar de esta ser uma estrutura igualmente bibliográfica, por não integrar as edições que, sem exemplares sobreviventes, têm um valor difusório igual a zero. O campo bibliográfico ideal é aquele em que, de um texto, existem no mercado, ou são facilmente acessíveis, exemplares de todos os tipos de edição capazes de satisfazer as necessidades de todos os tipos de leitor potencial.» (I. Castro-M. Ana Ramos, «Estratégia e tática da transcrição», *Critique textuelle portugaise. Actes du Colloque*, Paris, 20-24 octobre 1981, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, Paris, 1986, pp. 99-122.) Esta noção, de natureza sincrónica, portanto, é ainda caracterizada, de modo mais desenvolvido, em um dos pontos introdutórios à edição parcial do *Livro de José de Arimateia* (I. Castro, *Livro de José de Arimateia. Estudo e Edição do Cod. ANTT 643*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984, pp. 294-303).

⁸ J. da Cunha Rivara, «O Cancioneiro do Collegio dos Nobres», *O Panorama*, IV, 1842, pp. 406-407.

ÍNDICE

Introdução	9
CANCIONEIRO DA AJUDA	39